

## **RIO CUIEIRAS: UM BREVE OLHAR SOBRE A VIDA E A CULTURA DE UM POVO RIBEIRINHO**

Igor de Sousa Vale<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma síntese das experiências vividas em uma pesquisa de campo no Rio Negro durante a realização de um projeto comunitário de artes usando música como ferramenta de educação, integração e desenvolvimento social. O projeto em questão foi utilizado como forma de interação com as comunidades permitindo lançar um olhar etnográfico da vida ribeirinha nas comunidades Nova Canaã e São Sebastião no Rio Cuieiras. As comunidades contatadas no projeto caracterizam-se essencialmente como comunidades tradicionais ribeirinhas e estão situadas num afluente do Rio Negro acessíveis somente a partir do município de Manaus. O texto relata essas percepções e experiências a partir do ponto de vista de um professor de música em uma experiência transcultural num projeto de musicalização em comunidades ribeirinhas. O projeto foi desenvolvido nas comunidades São Sebastião e Nova Canaã num dos afluentes do Rio Negro chamado Rio Cuieiras, e alcançou um número aproximado de cinquenta pessoas entre juniores, adolescentes, jovens e adultos. O projeto possibilitou uma imersão cultural no mundo e na cosmovisão ribeirinhas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ribeirinhos; Etnografia; Cosmovisão; Projeto social.

### **RIO CUIEIRAS: A BRIEF LOOK AT LIFE AND CULTURE OF A RIVERSIDE PEOPLE**

**ABSTRACT:** This article reveals a synthesis of the experiences and perceptions acquired during field research in Rio Negro from the perspective of carrying out a community arts project using music as a tool for education, protection, sustainability, and social development. The project in question was used as a form of interaction with the communities, allowing an ethnographic look at riverside life in selected communities on the Cuieiras River. The communities contacted in the project are essentially characterized as traditional riverside communities and are located on a tributary of the Rio Negro, accessible from the municipality of Manaus. The text reports these perceptions and experiences from the point of view of a music teacher in a cross-cultural experience in a musicalization project in riverside communities. The project was developed in the communities of São Sebastião and Nova Canaã on one of the tributaries of the Rio Negro called Rio Cuieiras, having reached an approximate number of fifty people, including juniors, teenagers, young people and adults. The project enabled a cultural immersion in the riverside world and cosmovision.

**KEYWORDS:** Ribeirinhos; Ethnography; Worldview; Social Project.

### **INTRODUÇÃO**

Para qualquer pessoa que venha de fora para o Amazonas uma experiência transcultural entre os ribeirinhos torna-se uma experiência marcante, sensibilizadora e até transformadora. O modo de vida ribeirinho tem sido alvo de observação, estudo e documentação por diversas academias e pesquisadores de diversas áreas científicas. O isolamento, a falta de acesso à tecnologia emergente, a distância dos centros urbanos, o

---

<sup>1</sup> Especialista em Engenharia e Arquitetura de Software. E-mail: [igormelodia@gmail.com](mailto:igormelodia@gmail.com)



desapego material e a relação de intimidade e de afinidade com o ecossistema fazem do estilo de vida ribeirinho um estilo único e em alguns casos até desejado por parte de quem vive nas “selvas urbanas” em meio às crises vividas nos últimos anos nas grandes cidades brasileiras.

O que é possível aprender da vida ribeirinha? Como perceber e extrair significados esquecidos pelos homens que vivem em grandes cidades? É verdade que o ribeirinho é um povo atrasado? O que faz desse povo um alvo de estudo para diversos pesquisadores de diversas áreas?

O local escolhido para uma observação participativa por meio do desenvolvimento de um projeto comunitário foi o Rio Cuieiras na região de Manaus. Na bacia do Rio Cuieiras encontramos diversas comunidades como: Igarapeçuquinho, Três Unidos, Barreirinhas, Boa Esperança, Nova Esperança, São Sebastião, Nova Canaã e outras. Desse conjunto de comunidades foram selecionadas duas comunidades para realização do estudo: as comunidades São Sebastião, Nova Canaã e alguns igarapés no entorno.

O Rio Cuieiras é um afluente do Rio Negro e pode ser acessado a partir da cidade de Manaus por meio de um barco regional (popularmente chamado recreio) que sai no porto do bairro da Compensa em Manaus. A entrada do Rio Cuieiras (popularmente chamado "boca dos Cuieira") fica cerca de 50 quilômetros da cidade de Manaus e, no modelo de barco regional disponível a viagem dura em média cinco horas e meia. Todas as comunidades dessa região pertencem ao município de Manaus.

O levantamento cultural e antropológico não foi do tipo passivo ou apenas observacional, mas foi intermediado por um projeto de educação musical como forma de interação com a comunidade. Para este estudo de campo foram usadas as metodologias de observação participativa, levantamento bibliográfico sobre a região e entrevista de campo durante um período de vivência e moradia entre os ribeirinhos do Rio Cuieiras. O projeto comunitário de artes envolveu ensino de música, violão, flauta e canto coral. O método escolhido abriu as portas para viver nas comunidades citadas levando a uma experiencial pessoal, cultural e transformacional profundas.



## RIBEIRINHOS: QUEM SÃO?

A Amazônia se constitui uma região rica em biodiversidade e cultura apresentando a cultura cabocla vivenciada pelos grupos ribeirinhos que habitam o interior, às margens de rios, lagos e igarapés (MENDES 2008). A palavra "ribeirinhos" em geral tem seu significado construído em detrimento da vida e da cultura de pessoas que vivem às margens dos rios (qualquer rio). Essa relação entre o ribeirinho e o rio é crucial para entender melhor quem esse povo é. Segundo Santana (2013), o rio institui o alicerce de sobrevivência dos ribeirinhos, graças, sobretudo às terras férteis de suas margens, além de se apresentar como via de transporte. Geralmente os ribeirinhos dividem seu tempo entre atividades como agricultura (roçado), pesca de subsistência, futebol, produção de alimentos como farinha, goma.

Vale (2021) defende que a origem dos ribeirinhos tem relação com o fim do ciclo da borracha, período quando muitos cidadãos migraram para o interior objetivando trabalhar com extração para buscar melhoria de vida. Com o fim deste ciclo muitos trabalhadores ficaram sem emprego e então começaram a estabelecer comunidades nos beiradões (beira do rio), assim sendo chamados de ribeirinhos. Essas populações foram se adaptando ao meio ambiente e começaram a se concentrar em outras formas de trabalho passando a explorar a madeira, a pesca, a caça e o plantio. Entende-se desta forma o surgimento o fenômeno social que chamado de ribeirinhos. A respeito desse grupo Santana (2013) diz que:

[...] as populações ribeirinhas possuem um modo de vida específico, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, uma estrutura de produção fundamentada no trabalho da própria população, com utilização de técnicas baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras definidas, adequando-se ao que a natureza tem a oferecer, e também manejando quando necessário (p. 48).

Outra característica fundamental dos ribeirinhos é a transmissão de seus saberes de geração em geração, através da oralidade, ajudando a manter a identidade e prolongar sua história. Oralidade é a transmissão de pai pra filho dos valores e conhecimentos por meio de conversas, lendas e contos. Por seu contato com a natureza também surgiu sua mitologia, forma encontrada pelos ribeirinhos para explicar as questões da vida. Nos barrancos e beiradões amazônicos mantêm-se vivos os mitos e os/as personagens de sua cultura. Em qualquer cidade do interior será possível ouvir a história da cobra grande que mora embaixo da cidade, a lenda do boto, a historia dos milagres realizados e as experiências vividas no meio da mata.



Outro fator fundamental é entender a importância do rio, pois o mesmo norteia grande parte da cosmovisão ribeirinha e exerce uma influência integral na vida ribeirinha:

Quando as chuvas enchem os rios e riachos, esses inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias que, por sua vez, regula a vida dos ribeirinhos (...) O modo de vida desses grupos humanos - chamados também de “Povos das Águas”, está condicionado ao ciclo da natureza, pois o fenômeno da enchente e da vazante regula em grande parte o cotidiano ribeirinho, de tal modo que o mundo do trabalho obedece o ciclo sazonal quando desenvolvem as atividades de extrativismo vegetal, agricultura, pesca e caça (SANTANA, 2013, p. 49).

Popularmente chama-se “séca” (pronúncia usada cotidianamente pelos moradores da região) o período em que o rio está baixo, e chama-se “alagamento” quando o rio está muito alto entrando na comunidade. Entender a influência do rio na vida do ribeirinho é fundamental para entender a extensão de sua interpretação de mundo. O ribeirinho come do rio, navega no rio, lava sua roupa no rio, toma banho no rio e se diverte no rio. Também o recuar do rio para muitos significa a época de colher a macaxeira pra fazer farinha, fazer tapioca e beijú. Segundo Cardoso (2008) os dados de algumas agências governamentais comprovam que o período chuvoso ocorre de janeiro a abril, sendo março e abril os meses mais chuvosos. O período de seca vai de junho a setembro, sendo o pico da seca o mês de agosto.

## RIO CUIEIRAS: COMUNIDADES SÃO SEBASTIÃO E NOVA CANAÃ

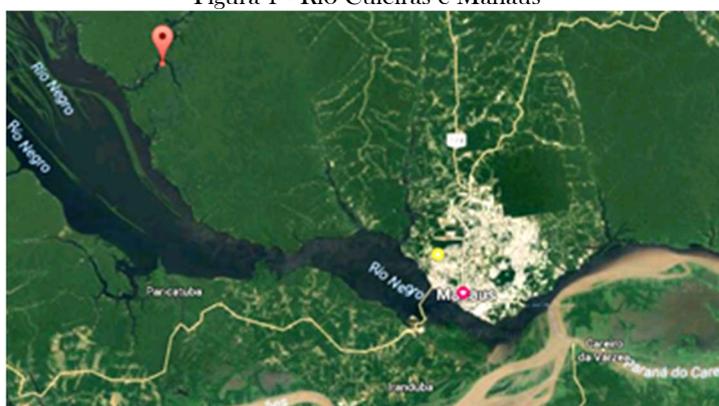
O local escolhido para o levantamento cultural e para desenvolvimento do projeto foi o Rio Cuieiras. O Rio Cuieiras é um afluente do Rio Negro e pode ser acessado a partir da cidade de Manaus por meio de um barco regional (recreio) que sai no porto do bairro da Compensa. A entrada do Rio Cuieiras (popularmente chamado "boca do Cuieiras") fica cerca de 50 quilômetros da cidade de Manaus e, no modelo de barco regional disponível a viagem dura em média cinco horas e meia. Segundo Veras (2014) o Rio Cuieiras está localizado na área central do Rio Negro, na margem esquerda. A proximidade da região com a capital Manaus acelera e facilita processos de relações sociais mais intensos com diversos agentes sociais quer sejam agências ambientais, políticas ou religiosas.

Todas as comunidades nesta região pertencem ao município de Manaus. Na bacia do Rio Cuieiras encontramos as comunidades: Igarapeaçuzinho, Três unidos,



Barreirinhas, Boa Esperança, Nova Esperança, São Sebastião, Nova Canaã e outras. A figura a seguir mostra a capital Manaus e a região do Rio Cuieiras (marcador vermelho):

Figura 1 - Rio Cuieiras e Manaus



Fonte: Google Maps (2020)

No momento do levantamento bibliográfico sobre a região do Rio Cuieiras, encontrou-se como principal fonte o material do pesquisador Ricardo Cardoso que em 2010 defendeu dissertação de mestrado em geografia tendo como campo de pesquisa a região do Rio Cuieiras. As informações, além de bem registradas, são fidedignas ao que pôde ser observado durante convivência no Rio Cuieiras. A respeito da região do Rio Cuieiras, o pesquisador propõe a tabela a seguir com dados demográficos da região.

Tabela 1: Tabela moradores

Comunidades	Nº de habitantes	Nº de famílias	Etnia(s)
Três Unidos	56	14	Kambeba
São Sebastião	206	51	Caboclos-Ribeirinhos
Nova Canaã	108	26	Caboclos-Ribeirinhos, Carapano, Cubeo, Saterê-Mawé.
Nova Esperança	97	22	Baré
Boa Esperança	55	13	Baré
Barreirinha	43	14	Baré, Tukano e caboclos-ribeirinhos

Fonte : Cardoso (2008).

As comunidades de São Sebastião e Nova Canaã foram os locais principais da experiência e possuem aproximadamente 150 e 120 pessoas respectivamente. Segundo Cardoso (2010) a comunidade São Sebastião também é conhecida como Vila Paulino sendo a maior e mais antiga comunidade da região. O mesmo autor afirma que a comunidade Nova Canaã também é conhecida como Kuanã e é de origem



predominantemente caboclo-ribeirinha. Segundo Cardoso (2008) esta região do Rio Cuieiras possui registros de habitação de até 60 anos sendo que a maior parte das famílias chegaram nos últimos 20 anos.

## O PROJETO DE ARTES COM OS RIBEIRINHOS

A realização do projeto de artes nas comunidades Nova Canaã e São Sebastião se tornou possibilidade por meio de um líder comunitário de Manaus que constantemente visitava as comunidades. Este conversou com representantes das comunidades para buscar a aceitação e viabilidade do projeto. O acordo feito era que um professor de música voluntário se disponibilizaria a morar na comunidade por um espaço de tempo desenvolvendo o projeto de ensino musical. O projeto foi aprovado e aguardado com expectativa pela comunidade ribeirinha. O projeto era viável pelo fato de que nessas regiões isoladas não existem muitos projetos de acesso à cultura e arte.

O projeto também possibilitaria interação com a comunidade e, além disso, seria uma ferramenta de desenvolvimento social para os alunos envolvidos. As poucas iniciativas e oportunidades ficam por conta das escolas rurais implantadas nas comunidades, mesmo assim é difícil ver projetos itinerantes usando a arte da música como base. Algumas das poucas atividades de lazer são o banho de rio, o futebol, o vôlei, torneios e festas comunitárias. Com poucas atividades culturais e oportunidades de lazer muitas pessoas acabam enveredando pelo uso da bebida alcoólica. Alguns comunitários citaram a preocupação e tristeza que é ver adolescentes e jovens se embebedando e gerando confusão dentro da comunidade. O projeto de arte seria uma alternativa saudável para fornecer aos moradores uma oportunidade de aprendizado musical, tendo atividade para preencher o tempo, ocupar a mente e incentivar musicalidade entre jovens e adultos.

A música tem sido utilizada como ferramenta de diversos projetos de inclusão em muitas cidades brasileiras. O ensino de artes na prática deveria ser uma realidade nas escolas brasileiras, mas não é. Na educação rural de contexto ribeirinho, o ensino de artes também está longe de se tornar realidade.



O projeto foi idealizado para lecionar prática de canto, flauta doce e violão popular aos comunitários. Além disso, um morador apresentou noção de teclado e como o mesmo possuía o instrumento foi decidido adicionar a aula de teclado para este aluno.

No primeiro dia foi realizada uma reunião com todos os moradores interessados a participar do projeto e assinarem uma lista de intenção de participação recebendo também uma explicação básica sobre o funcionamento do projeto. Na comunidade São Sebastião as pessoas se interessaram pelo canto e pelo violão. Algumas crianças se interessaram pela aula de flauta. Na comunidade Nova Canaã houve grande interesse pelo canto, violão e um rapaz para aprender teclado. As aulas seriam realizadas três vezes por semana e em grupo. De segunda a quarta as aulas foram ministradas na comunidade São Sebastião e de quinta a sábado na comunidade Nova Canaã. Aulas com duração de uma hora. Devido o elevado número de alunos participantes foi necessário realizar rodízio dos grupos e foram compostos grupos com seis alunos cada.

A aula de canto foi realizada por meio de seções de aquecimento, alongamento e prática interpretativa. Os alunos aprenderam a realizar alongamento básico para a prática do canto e também aprenderam a realizar aquecimento com pequenos exercícios de impostação de voz. A prática interpretativa era realizada pedindo que os alunos cantassem músicas populares de seu gosto e a partir de então era possível começar a corrigir itens que se apresentavam. Das músicas e cantores mais citadas estão a dupla sertaneja Vitor e Léo. No início as pessoas participantes demonstravam vergonha de realizar exercícios de alongamento, aquecimento e impostação porque alguns exercícios são estranhos para os moradores da comunidade. Após algum período os comunitários conseguiam realizar os exercícios e também perdiam o medo de colocar a voz pra fora.

As aulas de violão em grupo possuíram temáticas abordando a apresentando os componentes do instrumento musical (violão), postura para tocar, forma de segurar e cuidar do violão. Os alunos também foram introduzidos nos exercícios de coordenação motora e de independência (onde eles gastavam a maior parte do tempo) e eventualmente foi abordado algum assunto teórico. Alguns acordes iniciais foram ensinados e, conforme os alunos conseguiam realizar os acordes com segurança, recebiam novas notas para aprender. Ao final de tudo, os alunos começaram a aprender uma música simples envolvendo quatro ou cinco acordes básicas. Ao demonstrar mais segurança os alunos também recebiam a introdução de uma levada ou batida para realizar junto com as notas.



O projeto abordava bem mais a prática do que a teoria com objetivo de possibilitar que mais jovens conseguissem tocar seu instrumento em curto espaço de tempo.

Com o passar do tempo e com prática constante, muitos alunos conseguiram tocar a primeira música olhando a cifra e desenvolvendo os acordes com batidas simples, fato esse que gerou extrema satisfação entre os jovens.

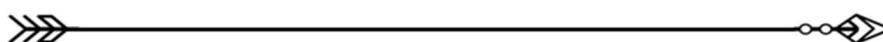
## PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA E CULTURA RIBEIRINHA

O tempo vivido entre os ribeirinhos possibilitou levantamento e registro de alguns aspectos básicos da cultura cabocla nesta região. A condição de professor possibilitou uma excelente interação com os comunitários, pois nesta região a figura de um professor é uma posição de muito respeito e admiração. Enquanto a postura de professor foi algo mais ativo, a postura de pesquisador guardou a distância devida para não desconstruir a realidade e observar os fatos como eles são. Esta jornada de observação começava desde o amanhecer, quando cedo era possível perceber homens preparando sua canoa para a pesca, até o final da tarde, onde mulheres lavavam roupa no rio. Aos poucos o costume cotidiano da vida ribeirinha ia sendo desenhado e ganhando sentidos que em geral se entrelaçavam em algum aspecto com o meio ambiente onde eles vivem.

Enquanto a condição de observador se desenvolvia livremente, a condição de professor e morador de uma comunidade ribeirinha atravessava estágios gradativos.

### Produção de espeto

Um aspecto peculiar encontrado na região do Rio Cuieiras é a produção artesanal de espeto. Algumas famílias se dedicam à produção de espeto como forma de sustento para a família. Dedicam muitas horas do dia na produção de espetos que são vendidos para comerciantes de Manaus. Os homens da família vão para a floresta localizar e extrair a ripa e trazem boa quantidade para casa. A madeira fica descansando na água e logo em sequência a ripa de madeira é desbastada e moldada com um instrumento criado pelos próprios ribeirinhos uma vara com uma faca adaptada na ponta. Ali permanecem longas horas fazendo espeto. Um feixe de espetos preparados com aproximadamente 300 unidades é vendido por aproximadamente R\$ 3,50. Assim sendo a família precisa se dedicar muito para conseguir com grande esforço preparar uma boa remessa de espetos e



levantar um bom capital. Pela escassez de emprego algumas famílias adotam essa produção como principal forma de sustento da família. Alguns ribeirinhos conseguem comprar TV, DVD, rabeta e outros utensílios somente vendendo espeto.

### **Plantio de macaxeira**

Item marcante e que faz parte da vida ribeirinha ali é a produção de macaxeira. Faz parte do labor, do ciclo alimentar, do comércio e da produção da região. Muitas famílias cuidam de seu próprio roçado e, a maioria das vezes, a macaxeira é o produto principal. Além de fornecer farinha, que é usada em larga escala na alimentação ribeirinha, a macaxeira também fornece outros produtos como tucupi, goma de tapioca etc. São todos produtos muito importantes na alimentação do povo.

### **Alagamento e seca**

O relacionamento do ribeirinho com o rio é outro fator importante para construir entendimento sobre o modo de vida. O rio é a rua, o rio é onde se busca alimento, o rio é lazer e também é uma espécie de medidor do ciclo da natureza. Existem atividades que só são possíveis com rio baixo e outras só com o rio alto. Quando o rio está enchendo e, em muitos casos, invadindo parte da comunidade os comunitários usam a expressão alagamento. A maior cheia registrada na região foi em 2012 quando o rio subiu 29,97 cm. Quando o rio está baixo os moradores usam a palavra “séca”. Na região do Rio Cuieiras, em estado normal da natureza, o rio enche até meados de julho e depois estabiliza para começar a descer. Subida e descida rio mexe com toda a dinâmica da vida na região.

### **Pescaria**

Vivendo em região ribeirinha é muito fácil perceber a paixão do povo por peixe. O povo quase não consome carne bovina, pois o acesso a ela é difícil. Os peixes mais presentes na região são tucunaré, pacu e matrinxã. Muitos homens saem de manhã para verificar as “malhadeiras” deixadas durante a noite. Se forem encontrados alguns peixes na rede significa que o almoço está garantido. Na época do alagamento existe pouco peixe pra ser consumido, pois a água sobe de maneira que invade a floresta e forma algo chamado igapó. Com floresta alagada, os peixes somem se escondendo na mata, o que na verdade representa um período apropriado para reprodução, alimentação e crescimento dos peixes.



Na época da seca, o rio volta ao leito principal e a quantidade de água diminui muito. O peixe fica restrito ao leito do rio o que torna pesca mais abundante, pois o peixe não tem para onde escapar. Nesta região do Rio Cuieiras, a época de fartura e abundância de peixe é no segundo semestre.

### **Espiritualidade, mito e religiosidade**

Segundo Rocha (2017) os mitos são falas, discursos ou narrativas criadas pelas sociedades como uma das formas de interpretar o mundo ao seu redor, suas dúvidas e inquietações. O mundo ribeirinho é também dotado de mitos e crenças que para pessoas vindas da cidade grande pode parecer sem sentido, contudo muitos comportamentos dos ribeirinhos são baseados no que acreditam. Os espíritos da mata, a lua, a cobra grande, as tempestades e os banheiros podem carregar significados ou anúncios sobrenaturais.

O povo ribeirinho no Rio Cuieiras é um povo voltado para a religiosidade, sempre com forte influencia católica romana. Na comunidade estudada, por exemplo, existe uma pequena capela construída de madeira e com imagens de homens santos onde os comunitários podem chegar e fazer “prece” sozinhos. Também a presença de igrejas evangélicas é notória na região. Muitos ribeirinhos aderem à fé evangélica e congregam numa igreja em sua comunidade ou numa comunidade vizinha. As reuniões na igreja além de ser um momento de espiritualidade e conexão com Deus também funcionam como uma espécie de momento de convívio e descontração, pois não existem muitas atividades disponíveis na comunidade.

### **Morte na comunidade**

Durante o período de convivência e de observação um acidente no rio chamou atenção para um aspecto que embora existente na vida humana parece ter perdido o poder de sensibilização das pessoas: a morte. Um jovem estava dirigindo a rabeta indo de uma comunidade para outra quando sofreu alguma convulsão ou ataque vindo a cair de sua rabeta e indo para o fundo do rio. O jovem que estava na outra ponta da frente da rabeta não percebeu a queda e só olhou pra trás quando mais à frente a embarcação começou a perder a direção. Constatou que seu amigo havia morrido.

Durante alguns dias, todo o povo ficou muito sensibilizado e com aparência triste. Foi uma situação bem difícil, pois como a região fica longe da capital, iria demorar a chegada de corpo de bombeiros. Assim, muito moradores tiveram que se unir para localizar e puxar o corpo do fundo do rio. A situação é bem diferente do que parece



ocorrer nas grandes cidades, numa morte de trânsito, por exemplo, quando as pessoas parecem já estar acostumadas e algumas até param para simplesmente observar e fotografar o acidente sem parecerem comovidas ou sensibilizadas. Para aqueles comunitários a morte de um vizinho é muito triste e altera o brilho e alegria vistos no dia-a-dia da comunidade.

### **Escambo**

O escambo é um aspecto informal da economia onde não se usa dinheiro e sim usa-se a troca entre dois negociantes. Nas comunidades observadas muitas vezes existe pouca circulação de dinheiro. Os comunitários trocam produtos entre si como forma de suprirem suas necessidades. Uma família planta açaí, outra planta macaxeira, outra banana etc. As famílias trocam entre si os produtos para abastecerem sua casa com produtos diferenciados. A sociedade ribeirinha é dinâmica e procura os meios possíveis para manter a economia em movimento.

### **Dia de trabalho**

No aspecto trabalhista foi percebida uma forma peculiar de acordo informal e prestação de serviço. Não existe a ideia de carteira assinada, emprego formal, salário etc. As únicas pessoas com emprego formal são aquelas que trabalham na escola. O restante do povo precisa criar suas formas de ganho e de negociação.

Percebeu-se que muitos homens usam o contrato do tipo “venda do dia de serviço” como forma de dinamizar a prestação de serviços na comunidade. Um homem que trabalha com moto-serra tirando madeira na floresta pode, por exemplo, vender um dia de serviço para um homem que trabalha com alvenaria. Eles fazem o acordo entre si e o primeiro trabalhador presta um dia de serviço guardando aquele crédito para um dia em que ele precisará do outro que trabalha com alvenaria. Este segundo certamente lhe pagará o serviço quitando o crédito existente. Mesmo sem contrato formal, o evento funciona devido ao homem ribeirinho valorizar muito o que é firmado por meio da palavra.

### **Vida academica e conhecimento científico**

Existe muito analfabetismo nas comunidades principalmente entre pessoas de mais idade. De maneira geral o estudo não é muito incentivado e valorizado. Nas comunidades observadas só existe ensino fundamental, contudo existe outra comunidade na região que oferece ensino médio. O ensino médio oferecido é conhecido como “tecnológico” não porque ensina tecnologia, mas que porque é um ensino mediado por tecnologia. Os alunos



assistem às aulas transmitidas via TV por satélite. Existe o ensino EJA (educação de jovens e adultos), mas os adultos não conseguem se formar com regularidade devido à vida dura que levam trabalhando na terra para obter sustento. A educação formal tem muitas dificuldades para se estabelecer um item fundamental da cultura tradicional. Um dos tantos problemas apresentados na funcionalidade da escola é cancelamento de aula. A aula pode ser cancelada por eventos como falta de combustível para o barco escolar buscar os alunos, falta de merenda para os alunos, falta de combustível para o motor de luz ou até se a cheia afetar com risco a comunidade. Esses fatores quase sempre ocorrem.

Em termos de conhecimento verifica-se que, mesmo com ausência de educação formal e metodologias de pesquisa, o povo ribeirinho é um povo criativo e inteligente. Contudo a inteligência e a gama de conhecimentos demonstrados pelo povo são no campo de conhecimentos da natureza, dos animais, dos ciclos da natureza, de medicina caseira tradicional e etc. Dizer que os mesmos não desenvolvem ciência é um erro, pois há muito conhecimento prático desenvolvido no modo de vida ribeirinha. Embora nada seja registrado em documentos, em artigos ou em teses, mas este povo de alguma forma acaba produzindo todo conhecimento necessário para a manutenção da vida ribeirinha e todo esse conhecimento é transmitido oralmente de pai pra filho.

### **Passagens culturais e momentos de aceitação**

Não foi possível definir de maneira completa como a comunidade expressa sua aceitação de uma pessoa estrangeira, mas uma experiência chamou atenção e precisa ser registrada. Determinada noite dois jovens informaram que iriam sair para caçar e para pescar. O convite foi feito para minha pessoa e logo percebi que essa oportunidade não poderia ser perdida, pois certamente ajudaria a viver mais intensamente a cultura florestal ribeirinha. Após preparar o bote, iniciou-se a caça e em poucos segundos o bote entrava na escuridão da noite, tamanha era a escuridão que não era possível enxergar um palmo à frente. Os jovens deixaram o bote amarrado num tronco e passaram para uma canoa onde seguiram remando em meio à selva. Eles abandonaram o bote com motor de popa para o barulho do motor não espantar a caça e o peixe. Ao remar pela salva alagada começaram a embrenhar em mata tão fechada que era necessário abrir o caminho com os braços. O luar brilhando no alto trazia uma tonalidade especial aos galhos que muitas vezes ficavam parecidos com cobras. Ao perceber algum peixe, se preparava a “zagaia”, que é um tipo de lança ou arpão. Caso sentissem a presença de alguma caça, os dois meninos (de 15 e 10



anos) pegavam a carabina e tentavam abater a presa. Horas se passam e por volta das 03 da manhã, quando já pareciam perdidos na selva, o bote que ficou amarrado a cinco horas atrás aparece bem na frente, motivo pelo qual se percebe que eles não estavam perdidos e sabiam exatamente onde estavam remando. A caça se encerra e todos voltam para a comunidade.

Não era esperado, mas no dia seguinte os meninos espalharam por toda a comunidade que o professor havia caçado com eles a noite toda. Alegres por isso me presentearam com um cordão feito de sementes e que possuía um dente de animal selvagem como decoração. A todo lugar que eu chegava, as pessoas falavam do fato de ter participado da caça com os garotos e a coragem desse fato. Isso causou mais aproximação, pois visivelmente as pessoas trataram-me diferente a partir daquele dia. O momento apontava para uma aceitação cultural da parte do povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência com o povo ribeirinho foi uma oportunidade satisfatória, uma vez que foi possível perceber aspectos básicos do modo de vida ribeirinho realizando este “recorte etnográfico” da experiência vivida. O projeto utilizado para interação também funcionou com êxito e, além de proporcionar acesso ao ensino de música, possibilitou uma rica interação com os comunitários a partir da qual foi possível a observação e a descrição dos aspectos culturais observados e do modo de vida típico do povo na região.

Ainda longo tempo seria necessário para observar, desvendar ou registrar com mais profundidade estes e outros aspectos peculiares da vida ribeirinha no Rio Cuieiras, contudo aqui oferecemos esta pequena colaboração no registro básico da vida de um povo tão desconhecido para o restante do Brasil. Vale, por fim, ressaltar que a experiência vivida teve como base o ponto de vista de um professor pesquisador oriundo do Rio de Janeiro realizando seu primeiro contato com a cultura ribeirinha.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ricardo de Jesus. **A geograficidade dos habitantes do Rio Cuieiras: percepções de um mundo vivido**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.



CARDOSO, Thiago Mota. **Etnoecologia, construção da diversidade agrícola e manejo da dinâmica espaçotemporal dos roçados indígenas no Rio Cuieiras, Baixo Rio Negro (AM)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

MENDES, Leila Said Assef. **A prática docente em uma escola ribeirinha na ilha do Marajó: um estudo preliminar em contexto naturalístico**. Educação, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 80-87, jan./abr. 2008

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SANTANA, Franciane Aguiar. Comunidades Ribeirinhas da Amazônia: Relato de Experiência. Revista Perspectiva Amazônica, Santarém - Pará, n.6, p.47-56, 2013.

SCHERER, Elenise. F. **O defeso e a defesa do meio ambiente**. Trabalho apresentado no II Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade e no II Congresso da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade. 2004. Indaiatuba, São Paulo.

VALE, Igor de Sousa. Comunicação, cultura e desafios missionários na janela amazônica. **Revista Summae Sapientiae**, João Pessoa - PB, n. 1, ano 2021 -1º Semestre.

VERAS, Marcos Flávio Portela. **Alteridades, agências e intervenções sociais no baixo rio negro - O Caso de Nova Esperança**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.



